

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

ABORDAGENS PSICOLÓGICAS DO INCONSCIENTE



Atena
Editora

Ano 2021

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

ABORDAGENS PSICOLÓGICAS DO INCONSCIENTE



Atena
Editora

Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes editoriais

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Abordagens psicológicas do inconsciente

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Thiago Meijerink
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A154 Abordagens psicológicas do inconsciente / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-434-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.341212608>

1. Psicologia. 2. Abordagem. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A coletânea *Abordagem Psicológicas do Inconsciente*, reúne seis artigos que abordam diversas enfoques dado à elaboração iniciada com Freud sobre o Inconsciente

Freud parte das ciências da natureza para todo o seu empreendimento rumo às neuroses. Empreendimento este iniciado após a bolsa de estudos em Paris no ano de 1885, onde realizou uma espécie de residência clínica sob os cuidados do neurologista/psiquiatra francês Jean Martin Charcot no Hôpital de la Salpêtrière. Anos depois, em 1895 escreve seu *Entwurf Einen Psychologie* como uma tentativa de explicar o funcionamento do aparelho psíquico.

No Projeto, Freud lança algumas das ideias que fundamentam o que posteriormente nomeia como metapsicologia. Aborda desde a concepção quantitativa da pulsão, a lógica entre prazer e desprazer, a ideia de recalçamento, até o inconsciente (a omissão da consciência) enquanto processo primário e que se manifesta nos sonhos.

Mas é somente em 1900 que o conceito do inconsciente é primariamente formulado. Essa formulação ocorre em *Traumdeutung*, obra que Freud dedica à criação de um método para ler esse discurso outro, dessa Outra Cena, que é o inconsciente.

Desejo uma excelente leitura dos artigos que se seguem.


Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

O INCONSCIENTE NUMA EXPERIÊNCIA (PÃ)FORMATIVA


Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3412126081>

CAPÍTULO 2..... 10

A TEORIA DO DUPLO EM *DON JUAN* DE MOLIÈRE: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA


Alcione Gonçalves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3412126082>

CAPÍTULO 3..... 19

JORGE MARTINS: A SUA INTROJEÇÃO COM A PROJEÇÃO DE SEUS DESENHOS

Luís Filipe Salgado Pereira Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3412126083>

CAPÍTULO 4..... 29

MEMÓRIA EDUCATIVA: SIGNIFICADOS QUE EMERGEM NA ATUAÇÃO DOCENTE

Frizete de Oliveira

Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3412126084>

CAPÍTULO 5..... 48

A RELAÇÃO ENTRE OS TRAUMAS PSICOLÓGICOS NA PRIMEIRA INFÂNCIA E O DESENVOLVIMENTO DE TRANSTORNOS MENTAIS NA VIDA ADULTA

Ronnyel Wanderson Soares Pacheco

Manoel Aguiar Fenelon Junior

Daniela Machado Bezerra

Maria Goreth Pearce de Sousa Silva

Armando Gabriel Machado Arruda


Daniel Henrique Pinheiro Rebouças

Jacob Victor de Santana Costa

João Henrique Piauilino Rosal

Vinícius José de Melo Sousa

Joíson Ramos - Jesus

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3412126085>

CAPÍTULO 6..... 63


QUANDO A DEPRESSÃO ADENTRA O TEMPLO

Wanessa Azevedo Sousa

Salma Suellen Ingelsrud Leal.

Érica Vanessa Rodrigues da Silva

Ruth Raquel Soares de Farias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3412126086>

SOBRE O ORGANIZADOR.....	79
ÍNDICE REMISSIVO.....	80

MEMÓRIA EDUCATIVA: SIGNIFICADOS QUE EMERGEM NA ATUAÇÃO DOCENTE

Data de aceite: 01/09/2021

Data de submissão: 11/06/2021

Frizete de Oliveira

Faculdade de Educação da Universidade de
Brasília (FE/UnB)
Brasília, DF
<http://lattes.cnpq.br/2602819688875864>

Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida

Faculdade de Educação da Universidade de
Brasília (FE/UnB)
Brasília, DF
<http://lattes.cnpq.br/0676038221177239>

RESUMO: Este artigo apresenta a utilização da memória educativa como dispositivo de pesquisa em Educação, conforme preconiza Almeida (2001) tendo como aporte teórico a Psicanálise em abordagem com memória e a linguagem. Traz a análise realizada a partir da escrita e falas de quatro docentes, professoras da educação infantil de escola pública de Sobradinho/DF, coletadas por meios virtuais no segundo semestre de 2020. Tais análises são parte de dissertação de mestrado que teve como foco o processo de aquisição da leitura das participantes naquele estudo. Utilizou-se a memória educativa e entrevistas semiestruturadas. O dispositivo da memória educativa possibilita apre(endermos algo para além do que recordamos, que se inscreve na escrita mais que reminiscências e permitem indicar possíveis significantes e significados que

se manifestam na atuação docente, inclusive da ordem do inconsciente. Assinalamos que a ação docente possa desempenhar relevante papel na constituição de repertórios em relação aos modos de ser, sentir e agir dos sujeitos desde suas primeiras experiências na infância. Da análise de conteúdo (BARDIN, 2016) emergiram três eixos temáticos: Constituição Subjetiva; Linguagem e Transferência, os quais possibilitaram as reflexões aqui apresentadas.

PALAVRAS-CHAVE: Memória educativa. Psicanálise. Ação docente.

EDUCATIONAL MEMORY: MEANINGS THAT EMERGE IN THE TEACHING ACTION

ABSTRACT: This article presents the use of educational memory as a device of research in Education, as recommended by Almeida (2003) having as theoretical support the Psychoanalysis in approach with memory and language. The analysis was conducted from the writing and speeches of four teachers of kindergarten education of public schools in Sobradinho/DF, collected by virtual means in the second semester of 2020. Such analyses are part of the masters degree dissertation that focused on the process of reading acquisition of the participants in that study. Educational memory and semi-structured interviews has been used in the process. The device of educational memory enables us to learn something beyond what we remember, which is inscribed in writing more than reminiscences and allow us to indicate possible signifiers and meanings that manifest themselves in the teaching work, including the order of the

unconscious. We point out that the teaching action can play a relevant role in the creation of repertoires in relationship to the ways of being, feeling and acting of the subjects since their first experiences in the childhood and schooling. From content analysis three thematic axes emerged: Subjective Constitution; Language and Transference, which made possible the reflections presented here.

KEYWORDS: Educational memory. Psychoanalysis. Teaching action.

INTRODUÇÃO

Questões sobre a constituição e o funcionamento da memória são debatidas e teorizadas desde os tempos mais remotos da humanidade, inclusive por meio de mitos e se desdobram quando consideramos sua relação do tempo, com a coletividade, com a ideologia, com a disputa de poder – seja político, intelectual e social dentre outros. Neste artigo reportamos à memória destacando algumas de suas características e registros de possível funcionamento a partir de estudos psicanalíticos no campo da educação, especialmente, por utilizarmos a escrita da memória educativa como dispositivo para pesquisa. Assim, buscamos evidenciar os mecanismos nos quais a memória opera (rememoração e esquecimento) e como comparecem em nossos atos e ações sob o enfoque psicanalítico, sendo a memória educativa, dispositivo valioso para a emergência e análise de questões/dados para pesquisa no campo educativo.

Destacamos que de forma alguma, tivemos a pretensão (nem as credenciais necessárias) para realizar a análise terapêutica das participantes, nem tampouco a prescrição de normas ou metodologias de ensino. Desejamos apenas, salientar as contribuições dos estudos psicanalíticos no campo da educação.

Desta forma, partimos do pressuposto de que o modo peculiar com que o sujeito se percebe em seu percurso educativo, se relaciona com suas memórias, consigo, com o Outro¹, com o conhecimento, pode reverberar em sua atuação docente, nos revelando possíveis significações que se imbricam ao Ser-professor em sua atuação docente. Neste artigo, trazemos as análises realizadas sobre o material produzido na dissertação, ou seja, os textos produzidos (memória educativa) e as falas em entrevistas, das participantes, naquela ocasião, acerca de seus processos de aquisição da leitura, buscando, o entrelaçamento entre a Memória Educativa, Psicanálise e Linguagem.

Ao utilizarmos o dispositivo de pesquisa memória educativa almejamos compreender possíveis relações que possam se estabelecer/evocar/suscitar quando o sujeito-professor se dispõe a escrever, a anunciar-se. Apostamos na possibilidade de que sua escrita possa desvelar seus atos e desejos, ações e expressões que escapam ao próprio sujeito e o

¹ Termo utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico — o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda, Deus — que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intrassubjetiva em sua relação com o desejo. Pode ser simplesmente escrito com maiúscula, opondo-se então a um outro com letra minúscula, definido como outro imaginário ou lugar da alteridade especular. Ou receber a grafia grande Outro. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 572).

constitui na atualidade.

A MEMÓRIA E SUAS VICISSITUDES

Antes mesmo de lançar-se à linguagem e melhor constituí-la, a humanidade já elaborava meios e artefatos para contar o tempo, a partir da observação dos fenômenos da natureza. Passou-se a perceber com maior nitidez a relação entre tempo e memória, esforçando-se para transmitir tais informações/observações aos seus descendentes, pois prever as estações do ano, os melhores períodos para caça, pesca, plantio e colheita eram questões de sobrevivência.

Platão já discutia a questão da memória, no diálogo com *Teeteto* quando abordava questões sobre o conhecimento. Nessa obra, Platão usa a metáfora de um bloco de cera para falar da memória. Dizia que a memória tinha sido o presente de *Mnemosine*, mãe das nove Musas que teve com Zeus e que inspiravam os poetas e artistas. Platão acreditava que em cada indivíduo esse bloco de cera tinha qualidades diferentes, porém a cera não era nem tão fluida quanto a água, pois assim não se permitiria marcar e nem tão dura quanto o ferro, que não pudesse ser marcado. Desta forma, as impressões podiam ser registradas e guardadas na alma humana, gerando conhecimento. (GONÇALVES; NETO, 2010).

Apesar de utilizar essa metáfora, Platão acreditava que havia outro tipo de conhecimento que não era derivado apenas das impressões ou percepções sensoriais das quais dispomos. Para Platão (apud SMOLKA, 2000, p. 174) “o verdadeiro conhecimento consiste em ajustar as marcas das impressões sensoriais à forma da realidade superior, da qual as coisas são meras reflexos”.

Platão debatia com Sócrates e com *Teeteto* (mesmo nome dado à obra), que o conhecimento da verdade e da alma consistia na recordação de modelos e, portanto, aprender seria recordar, (re)conhecer. A memória era o conhecimento da Verdade. No entanto, Platão desconfiava quando essa memória era escrita, pois se tratava de uma incompatibilidade entre o que estivesse escrito e o que era tido como verdadeiro porque a escrita poderia ser “simulacro e sedução” (PLATÃO apud SMOLKA, 2000, p. 175). Deste modo, separava o que considerava do campo da Episteme (*logos*) e do campo da *Mimesis* (memória).

Questões sobre a constituição e o funcionamento da memória, já debatidas e teorizadas desde os tempos mais remotos da humanidade, destacadas aqui sua relação com mitos e com a filosofia de Platão, na busca de um possível diálogo com a Psicanálise que nos guiará como referência teórica primordial.

A memória nos reporta ao tempo e sua complexidade que ultrapassam a simbolização, devido à limitação da linguagem trazem enigmas ocultos e incide sobre nós e sobre o modo como o percebemos, pois abarca o simbólico e o subjetivo que permeiam e caracterizam

nossas relações cotidianas.

Os estudos psicanalíticos abalaram a racionalidade cartesiana ao afirmar que nossas ações, em grande parte, não são dirigidas pela consciência, mas pelo inconsciente, pelo que nos escapa ao controle e raciocínio. Na maior parte, agimos por impulsos e desejos inconscientes. Os mecanismos de lembrança e esquecimento se imbricam e apontam mais que uma deliberação consciente de nossos atos, uma intersecção entre “[...] pensamentos inconscientes que são um prolongamento dos pensamentos conscientes” (FREUD, [1899]1996, p. 186) que estão latentes em nosso aparelho psíquico.

Ao sermos questionados sobre como apre(e)ndemos determinado conhecimento ou habilidade, somos impulsionados a perscrutar na memória episódios que possam nos permitir evocar tal momento. Ainda que não saibamos precisar ao certo como tudo aconteceu, podemos nomear pessoas e/ou situações, caso tenham sido significativas para nós, tanto positiva quanto negativamente.

Pode-se afirmar, muito genericamente, que a facilidade (e em última instância, também a fidelidade) com que dada impressão é despertada na memória depende não só da constituição psíquica do indivíduo, da força da impressão quando recente, do interesse voltado para ela nessa ocasião, da constelação psíquica no momento atual, do interesse agora voltado para sua emergência, das ligações para as quais a impressão foi arrastada etc. - não só de coisas como essas, mas também da atitude favorável ou desfavorável de um dado fator psíquico que se recusa a reproduzir qualquer coisa que possa liberar desprazer, ou que possa subsequentemente levar à liberação de desprazer. (FREUD [1893-1899]1996, p. 173).

Trata-se de acionar mecanismos para resgatar a sensação ou percepção do que foi vivenciado em determinado momento ou situação, dentre algo que ficou marcado em nosso aparelho psíquico sendo captado pelos sentidos, inclusive nossas vivências e o modo como lidamos com ela.

Interessante pensar que somos capazes de lembrar episódios antigos e noutras situações sequer recordarmos o que comemos no almoço ou jantar. Quais mecanismos são acionados nestas duas situações? Como a memória se articula e se constitui numa perspectiva psicanalista?

Na Psicanálise, a memória desempenha um papel central no funcionamento e articulação de nosso aparelho psíquico. Não existindo de maneira simples, mas complexa, registrada sob uma variedade de signos que evocam significantes e significados numa cadeia relacional sendo, portanto, simbólica, nos reportando a um espaço-tempo que desafia a dimensão diacrônica e sincrônica entre estes dois elementos. Assim,

o que há de essencialmente novo a respeito de minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações. (FREUD, [1896]1996, p. 176).

Segundo Freud, a mente apresenta um modo peculiar de funcionamento, uma

relação entre os atos conscientes e inconscientes que estão em nosso aparelho psíquico. Geralmente as lembranças traumáticas vivenciadas na infância ou em fases críticas de nossa existência geram uma energia que represada e não externada pelos sujeitos pode resultar em sintomas (fobias, doenças ou desequilíbrio emocional).

[...] conteúdo mais frequente das primeiras lembranças da infância constitui-se, de um lado, das situações de medo, vergonha, dor física etc. e, de outro, de acontecimentos importantes como doenças, mortes, incêndios, nascimentos de irmãos e irmãs etc. Poderíamos, portanto, inclinar-nos a presumir que o princípio que rege a escolha das lembranças é o mesmo, tanto no caso de crianças quanto de adultos. (FREUD [1893-1899], p. 178).

Talvez essa possa ser uma explicação sobre como rememoramos determinadas cenas, acontecimentos e outros não, ou ainda, porque agimos de determinada forma, porque buscamos esquecer determinados acontecimentos que nos causam desprazer ou dor. Os pormenores que não são lembrados na cena traumática se constituem como um mecanismo de defesa do aparelho psíquico, Seligmann-Silva (1991, p. 84) o define como sendo “um dos conceitos-chaves da psicanálise e do tratamento psicanalítico – simplificando existe em função no trabalho de recomposição do evento – traumático – O que é o trauma? O trauma é justamente uma ferida na memória”.

Como vimos, trata-se mais que evocações do passado, refere-se a uma articulação singular e subjetiva das experiências que vivenciamos desde o nascimento, das primeiras sensações e trocas com o mundo externo e como tais impressões e marcas compõem e reverberam em nossas ações cotidianas, sobretudo de forma inconsciente. Assim, como Platão nos falou das marcas que trazemos impressas na memória, a Psicanálise nos traz para a discussão um conceito inédito que é o inconsciente, ou seja, uma força motriz que impulsiona nossos desejos e diz mais do que nossa racionalidade gostaria. Lacan no *Seminário XIV, a Lógica da fantasia*, nos faz refletir sobre o cogito cartesiano “Penso, logo existo”, haja vista que discute para além de uma ruptura, outra forma de conceber o sujeito: “sou onde não penso, penso onde não sou”, caracterizando, assim, o sujeito como sujeito do inconsciente. (LACAN, [1966-1967]2000).

Freud ([1925]1996) percebeu que a memória tem um processo peculiar de funcionamento que dispõe de capacidades diferenciadas para armazenar e preservar acontecimentos, sensações e experiências. Exemplificou que quando utilizamos um papel ou suporte para escrever, anotar ou desenhar algo que não queremos esquecer, a superfície desse papel/suporte, pode tornar a anotação ou o traçado permanente. No entanto, tem uma capacidade limitada para receber essas anotações, conforme a área de sua superfície em ambas as laudas. Se a opção por utilizar uma lousa, poderemos tomar nota inúmeras vezes, apenas apagando-a e registrando novas anotações. Neste caso, a lousa poderá ter uma infinita capacidade para receber registros, desde que seja constantemente apagada, portanto, o traço, a informação, a nota não estará permanentemente à disposição, o que

foi escrito não poderá ser resgatado quando da impressão ou escrita de novas anotações.

É bem verdade que, atualmente, dispomos de uma maior variedade de equipamentos tecnológicos capazes de captar e registrar acontecimentos, eventos e experiências e assim, perdurarem no tempo. As câmeras fotográficas (já acopladas em nossos celulares, *notebooks*, *tablets*), gravadores (de vídeo e voz) e uma infinidade de materiais como suporte para escrita que sequer imaginaríamos, desde a invenção do papiro.

No entanto, já na época de Freud havia um instrumento chamado “Bloco Mágico” composto por duas camadas (uma de celuloide transparente e outra com papel encerado fino), interligadas pelas extremidades, mas que poderiam se desligar ao ser levantada a primeira camada de papel encerado e se religar para que os traços/notas fossem impressos e reimpressos, conservando em sua camada inferior (formada de cera), traços do que lhe haviam sido escritos. O funcionamento desse equipamento, pareceu ser o ideal para Freud fazer analogia com o funcionamento da memória, pois conseguia manter impregnado os traços/notas de forma permanente, além de ser possível reescrever infinitamente, conforme o funcionamento de uma lousa. Freud nos alertou para o funcionamento desse instrumento (Bloco Mágico) fazendo analogia com a memória.

Na atualidade e, especialmente neste contexto de pandemia da Covid-19 que, lamentavelmente vem avançando em 2021, dispomos dos mais diversos equipamentos e *softwares* onde não apenas a função de inscrição, reedição, e armazenamento de informações servem de suporte para memória, em uma capacidade quase que infinita. Mas também são capazes de superar, inclusive, grandes distâncias e otimizar nossa percepção sobre o tempo, estabelecendo novas relações e atuação humana sobre o mundo. Para Berticelli e Ramlow (2018, p. 73) “O grande desafio na atualidade é pensar a educação numa sociedade instável, complexa e marcada pelas incertezas”. Pode-se acrescentar mais um desafio pelo enfrentamento da Covid-19 e, no caso do Brasil, o atual des(governo).

Apesar das incertezas e da necessidade de adaptação diante das dificuldades enfrentadas, o uso das tecnologias digitais e de comunicação têm impactado, sobremaneira nossas ações e percepções. É possível ser famoso, antes mesmo do nascimento. A distância geográfica já não é o fator decisivo para aceitar um emprego, haja vista que a modalidade de *home office* parece ser a nova realidade neste contexto pandêmico. Seminários, conferências e reuniões podem ser realizados de maneira virtual dispensando, assim, a presença física de todos num mesmo ambiente ou localidade, cumprindo os protocolos de saúde. Bibliotecas, museus, escolas e as mais variadas instituições ou grupos sociais disponibilizam seus acervos, possibilitando circulação de informações e conhecimentos construídos por milênios, agora, ao nosso alcance apenas com os movimentos dos dedos num teclado e/ou mídias equipadas com internet. Vivemos em uma época na qual se é possível criar mundos e personagens que existem em paralelo ao nosso (virtualmente). São *blogs*, *chats*, redes sociais, páginas e mais páginas virtuais que impregnam nossa percepção, trazendo uma experiência e vivência totalmente diferentes que as dos nossos

pais e avós. É possível conservarmos anotações, informações e as reeditarmos em quantidade e qualidade muito superiores ao “Bloco Mágico” da época de Freud, no séc. XX, no entanto, sua analogia e teoria são inovadoras e se mantêm atuais.

Na obra *Psicopatologia da vida cotidiana*, Freud ([1901]1996) afirma que a memória faz uma seleção entre as impressões que nos foram oferecidas na infância e esta seleção apresenta critérios ou princípios bem diferentes dos que atuam na maturidade intelectual. As lembranças indiferentes da infância, são na verdade, resultantes de um processo de deslocamento, ou seja, “são substitutas, na reprodução [mnêmica], de outras impressões realmente significativas cuja recordação pode desenvolver-se a partir delas através da análise psíquica, mas cuja reprodução direta é impedida por uma resistência” (FREUD, [1901]1996, p.34).

Desta forma, não é o conteúdo ou o evento ocorrido, propriamente dito, mas a percepção/sensação que se instaura e fica marcada permanentemente em nosso aparelho psíquico, além de uma cadeia associativa em que situamos estas sensações aos acontecimentos que, geralmente, nos desagradam. Assim, sempre que acionado o vínculo associativo do que foi recalçado ou reprimido, a mente se encarrega de disfarçar ou encobrir tais lembranças. A esse processo Freud ([1899]1996, p.189) denomina de lembrança encobridora, conceituando-a “como aquela que deve seu valor enquanto lembrança não a seu próprio conteúdo, mas às relações existentes entre esse conteúdo e algum outro que tenha sido suprimido.”

Há, também, um processo de “amnésia infantil” que nos faz esquecer de boa parte do que vivenciamos na infância, sem, contudo, passarmos imunes às suas marcas.

Nossas lembranças infantis nos mostram nossos primeiros anos não como eles foram, mas tal como apareceram nos períodos posteriores em que as lembranças foram despertadas. Nesses períodos de despertar, as lembranças infantis não emergiram, como as pessoas costumam dizer; elas foram formadas nessa época” (FREUD, [1899]1996, p. 190).

No processo de esquecimento, quando não conseguimos recalcar ou encobrir as lembranças que nos marcaram, trazemo-las em forma de sintomas, conforme nos advertiu Freud, no caso dos neuróticos e, outra via para lidarmos com tal situação é que, acabamos por reproduzi-las em ato.

[...] Podemos dizer que o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (acts it out). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo. (Freud, [1914]1980, p. 93).

Nesta acepção, percebam que aquilo que mais rejeitamos acabamos por reproduzir, inconscientemente, antes de elaborarmos. Possivelmente, tanto na aquisição de leitura, quanto em outras vivências o processo poderá ser o mesmo, caso não consigamos oferecer estratégias para a reflexão, análise e elaboração.

Assim, o processo de repetição pode se instaurar no cenário educativo por meio da transferência, extrapolando a clínica, a relação com o terapeuta ou médico, conforme pontua Freud (1980), pois:

[...] percebemos que a transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição e que a repetição é uma transferência do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação atual. Devemos estar preparados para descobrir, portanto, que o paciente se submete à compulsão, à repetição, que agora substitui o impulso a recordar, não apenas em sua atitude pessoal para com o médico, mas também em cada diferente atividade e relacionamento que podem ocupar sua vida na ocasião[...]. (Freud, [1914]1980, p.93).

A Psicanálise postula a cura pela fala e desta forma, acreditamos que possibilitar a fala e a escuta sensível de professores que atuam especialmente na educação infantil, possa viabilizar a ressignificação das marcas simbólicas que os constituem como Ser-aluno e Ser-professor e, por conseguinte, repercussões nos processos ensino e aprendizagem, em especial, na atuação docente.

Barbier (2002) trata a escuta sensível como reconhecimento incondicional do outro. Acrescenta que tal escuta não julga, não mede e nem compara. É capaz de compreender sem, no entanto, aderir às opiniões, mas estando presente e consistente em cena, atento e aberto aos sentimentos, emoções e crenças do outro, sem enquadrá-lo ou julgá-lo. Tais características e procedimentos já eram assim desenvolvidos na clínica de Freud. Portanto, podemos afirmar que Freud foi pioneiro na utilização da escuta sensível e a fala de seus pacientes, o material fundante de todo tratamento.

Assim, ao abrirmos espaço para que professores falem sobre suas percepções frente a sua atuação, buscamos assentar um outro momento, um novo tempo, o tempo de elaborar. Nossa esperança, do verbo esperar em Freire (2006) é que tendo passado por essa experiência de fala, o Ser-professor possa também promover essa dinâmica ao Ser-aluno de modo que, alguma forma, todos possam se aproximar desse tempo de elaboração.

A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA E A LINGUAGEM

Sob a perspectiva da Psicanálise, nos tornamos humanos ao sermos inseridos numa cultura e grupo social que nos imprime uma marca, um desejo. Somos o resultado de expectativas criadas por nossos genitores, desde a escolha do nosso nome, as projeções de atividades que iremos exercer no futuro (profissão), aspectos físicos e emocionais (com quem será parecido), dentre outros. Desta forma, estamos alienados ao desejo do Outro², a uma ordem simbólica representada pela linguagem ao sermos introduzidos pelo outro

² Termo utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico — o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda, Deus — que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intrassubjetiva em sua relação com o desejo. Pode ser simplesmente escrito com maiúscula, opondo-se então a um outro com letra minúscula, definido como outro imaginário ou lugar da alteridade especular. Ou receber a grafia grande Outro. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 572).

(FREUD, [1915]1985).

Desde o nascimento, a criança estabelece com seu cuidador, geralmente a mãe, uma relação simbiótica, ou seja, há a crença, para o bebê de que é parte do corpo do outro (mãe/cuidador). Neste sentido, não existe um sujeito criança, pois ela se percebe no prolongamento do corpo materno. Além disso, o bebê também se constitui como o objeto do desejo da mãe, ou seja, para existir um bebê é necessário que haja um desejo da mulher de se posicionar como mãe. Mesmo que, posteriormente, o abandone. Sendo assim, o que está atrelado à existência do outro, que em um estágio posterior também se configurará no grande Outro, quando da inserção na linguagem. Segundo Gustsack e Lovato (2018, p. 64) “a linguagem, como parte do modo de vida de nós, seres humanos, conserva-se, evolui e nos constitui enquanto espécie”.

Nessa relação, a mãe ou o cuidador irá passar para o bebê muito mais que o leite materno ou o alimento contido na mamadeira. As primeiras sensações poderão ser significadas através da palavra (linguagem), do diálogo e da interação que esta mãe-cuidador estabelece com o bebê, ou seja, conforme destaca Lajonquière (2010), do “endereçamento da palavra” ao bebê. Assim, mais que o alimento que sacia a fome e aplaca a sensação de desconforto, as tensões, os gestos de carinho, acolhimento ou, pelo contrário, a repulsa, a angústia e a incerteza, também são transmitidos ao sujeito-bebê. Em continuidade, Elia (2010, p. 36) afirma: “o sujeito, portanto, se constitui, não ‘nasce’ e não se ‘desenvolve”.

Contudo, para se tornar sujeito, essa relação simbiótica e de alienação entre bebê e mãe-cuidador deve ser desfeita. Se faz necessário que haja uma separação. É neste momento que a entrada de um terceiro elemento nesta relação é crucial e podemos chamar de ‘função paterna’, cuja posição principal é realizar essa separação, ou seja, o bebê deixa de ser o objeto do desejo materno e faz o corte do desejo do filho para com a mãe. Podemos chamar esse movimento de castração, conforme assevera Lajonquière (2013),

A castração “é o que regula o desejo” ao instituir uma diferença entre o que se obtém e o que se deseja. Destronando a criança de sua posição de falo imaginário, ela lhe diz que, mesmo se esforçando, ainda assim não conseguirá obturar a falta no Outro e que, portanto, o circuito do desejo se reabre permanentemente (LAJONQUIÈRE, 2013, p. 284).

Desta forma, a criança ao perceber que não é mais o desejo da mãe, que não a completa, é impulsionada a buscar algo e passa a ser um ‘ser desejante’, isto é, um sujeito de falta. Essas marcas simbólicas que pessoas mais próximas imprimem ao bebê, ao se articularem e se incorporarem em cada cena diária, vão gerando significantes e significados que alicerçam a amálgama do sujeito, por isso Elia (2010, p. 41) sinaliza: “o que chega a ele (bebê) é um conjunto de marcas materiais e simbólicas — significantes — introduzidas pelo Outro materno, que suscitarão, no corpo do bebê, um ato de resposta que se chama de sujeito”.

Ao conceber o sujeito como um ‘ato de resposta’, percebe-se o quão responsáveis somos pelos nossos filhos e toda criança-sujeito que atravessar nosso caminho. São também por nossas mãos (atos e palavras) que constituímos esse sujeito. Embora haja seu mundo interior e as tensões que se desdobram ao longo de sua existência ele não passará incólume, mais ainda, poderá ser a resposta do que lhe foi oferecido.

Desse modo, numa perspectiva lacaniana, o sujeito ou qualquer outra palavra é um lugar vazio. Só é possível contornar esse vazio e lhe fazer borda numa tentativa de delimitá-lo quando lhe atribuímos significantes. Apenas em uma cadeia associativa e simbólica donde evocam outros significantes torna-se identificável e situado em determinado contexto e tempo históricos. Conforme Lacan ([1972-1973]1985, p. 43) “o significante como tal não se refere a nada, a não ser que se refira a um discurso, quer dizer, a um modo de funcionamento, a uma utilização da linguagem como liame”.

Outra questão presente no cenário de estudos sobre a linguagem refere-se à sua função. Enquanto a Linguística prioriza a comunicação, a Psicanálise visa a evocação, onde o ato de fala é concebido como ato de discurso, e não como ato de fonação. Isso implica a necessidade de dirigir, endereçar uma mensagem a alguém, que, em contrapartida, demandará uma resposta. Portanto, por meio da fala é que a função da linguagem se efetiva, se consolida em interação com o outro. Sendo assim, a importância de se analisar a linguagem como uma instância dinâmica e polissêmica para além dos aspectos formais da língua, como uma ferramenta que possibilite a enunciação do sujeito inconsciente, que “não cessa de não se inscrever” (LAJONQUIÈRE, 2010, p. 204).

Assim, ao nos debruçarmos sobre tais estudos, nos remetemos à análise sobre a função da escola enquanto instituição encarregada de introduzir formalmente a criança aos aspectos normativos da língua e possibilitar o acesso aos conhecimentos culturais, sociais, filosóficos e científicos. Estaria, também, possibilitando a enunciação desse sujeito-criança?

Ao endereçarmos a palavra ao sujeito e dar-lhe voz, possibilitamos também sua enunciação, ou seja, seria como “ensinar o sujeito a nomear, a articular, a fazer passar para a existência, este desejo que está, literalmente, para alguém da existência, e por isto insiste” (LACAN, ([1954]1988, p. 496).

Com isso, podemos destacar que a ação docente pode incidir sobre o sujeito imprimindo-lhe marcas que, possivelmente constituirão sua subjetividade, para além de ensinamentos canônicos promovidos na escola.

CAMINHOS PERCORRIDOS: PARA ALÉM DO QUE RECORDAMOS

O trabalho com a memória educativa como significativo dispositivo de pesquisa tem sido utilizado pela professora pesquisadora Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida no decorrer de mais de 15 anos como orientadora de mestrandos e doutorandos, compondo a linha de pesquisa Escola, Aprendizagem, Ação Pedagógica e Subjetividade na Educação

(EAPS) do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (PPGE/FE/UnB). Apesar de operar como uma escrita individualizada, os temas suscitados e as pesquisas realizadas, abarcam diversas questões acerca do processo escolar e do ato educativo, tais como a gestão escolar, cenário pedagógico, docência, ambiente virtual de aprendizagem, ação e práticas pedagógicas, inclusão escolar, formação do pedagogo, identidade e profissão docentes, educação para o trânsito, relações professor-aluno, dentre outros que poderão incidir sobre os processos ensino e aprendizagem e, desta forma, imbricar diversos sujeitos e temáticas referentes à Educação.

Esse trabalho remonta de 1998, quando a professora pesquisadora Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida em coautoria com a professora doutora Maria Alexandra M. Rodrigues, ambas da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília elaboraram o “Módulo Comum Imersão nos processos educativos de Ciências e da Matemática” destinado a formação de professores que atuavam em tais disciplinas. Esse módulo foi utilizado em curso proposto em parceria com o Ministério da Educação (MEC), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF); Universidade Aberta do Distrito Federal (UNAB) e Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Naquela ocasião, como parte das atividades de reflexão e debate acerca dos processos formativos dos docentes, foi solicitado que escrevessem um memorial – “memória educativa do professor ao longo de sua trajetória como aluno”. À essa escrita, as autoras denominaram de “arqueologia dos processos pedagógicos” (ALMEIDA; RODRIGUES, 1998, p.13) em referência ao trabalho cuidadoso de escavar, retirar camadas e mais camadas que recobrem o material valioso, escamoteado sob ação do tempo e na tese de doutoramento de Almeida (2001) a proposta ocupa lugar de centralidade, sendo ampliada em 2003 com adensamento nos estudos psicanalíticos e configurando-se como significativo dispositivo de pesquisa: é possível pensar que na escrita uma enunciação mínima do sujeito inconsciente comparece.

Com isso, propuseram uma espiral a fim de nortear, ou melhor, provocar a escrita em seus inúmeros episódios e acontecimentos, observando e resgatando seu processo formativo, em diferentes níveis – desde o ingresso na pré-escola à universidade, ao longo de sua história pessoal e escolar, trazendo as sensações, fatos ou acontecimentos e lembranças das vivências que foram suscitados ao longo desse seu processo de escrita. Nas palavras das autoras:

Trata-se de uma espiral das interações com o mundo escolar no qual se desenvolveu o processo formal de ensino-aprendizagem. Esta espiral reflete uma dinâmica sequencial integrativa: os processos de ensino-aprendizagem ocorrentes em cada fase são incorporados às vivências dos estágios seguintes, num nível crescente de complexidade. (ALMEIDA; RODRIGUES, 1998, p.15).

Para melhor visualização sobre o processo de escrita da memória educativa,

observem, na figura a seguir, possíveis etapas que se inter-relacionam. A disposição em espiral nos permite identificar a dinamicidade e multiplicidade de relações, pessoas, fatos ou cenas que se interpenetram, que retornam, mas que nesse retorno, se impulsionam, sempre em movimentos ascendentes trazendo outros significantes e significados se consolidando como um roteiro motivador, podendo fazer o recorte para dar o enfoque conforme a temática de interesse e/ou pesquisa/estudo.

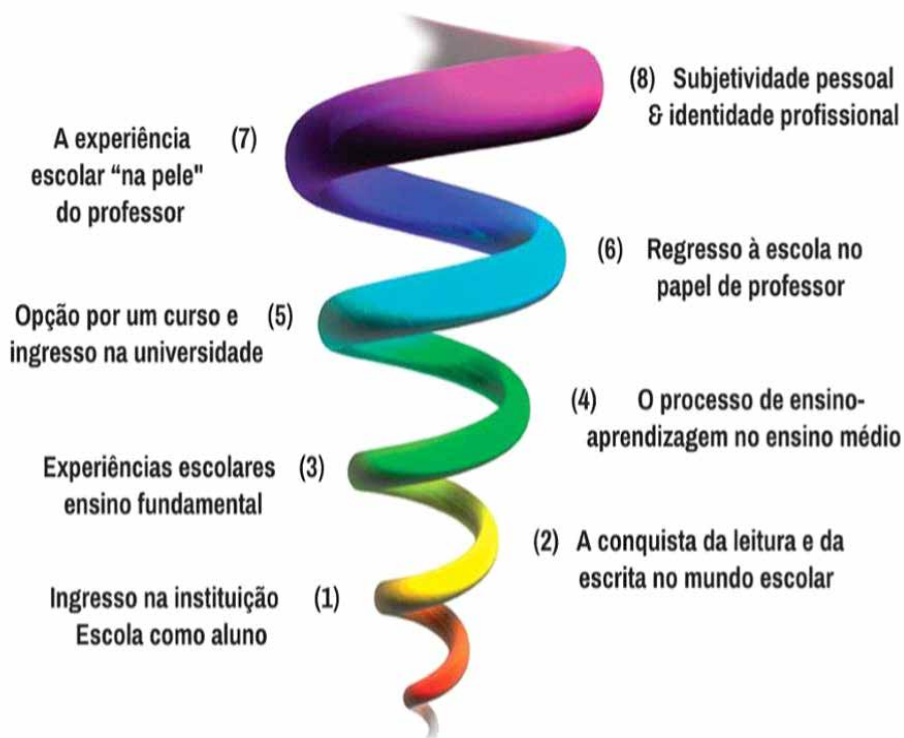


Figura 1 - Processo metodológico de construção da Memória Educativa (ALMEIDA E RODRIGUES, 1997- 1998).

Fonte: Inspirado no Módulo Comum. Imersão no Processo Educativo das Ciências e da Matemática. Programa de Aperfeiçoamento de Professores de Ensino Médio – Pró-Ciências. Universidade Aberta do Distrito Federal -UNAB, Brasília, Brasil.

Conforme nos aponta Almeida e Bittencourt (2018) a escrita da memória educativa, sob o enfoque da Psicanálise se caracteriza como um dispositivo de pesquisa, pois trata-se de revelar o 'sujeito da enunciação' que, ao escrever, deixa marcas do inconsciente que ultrapassam o texto escrito e extrapolam o enunciado no texto. Argumentam que a memória educativa se consolida como um dispositivo de pesquisa, na medida em que "propõe um re-olhar sobre a trajetória do professor, as inscrições que constituíram sua subjetividade/ identidade e marcaram sua forma de ser e estar no mundo" (ALMEIDA; BITTENCOURT,

2018, p. 6).

Almeida (2012, p. 11) ainda nos lembra que “o ato de escrever tem assim um sentido de inscrição, o sujeito vai se enveredando na ordem discursiva buscando dar conta de uma história que o antecede, das marcas que o constituíram”. Com isso, apreendemos que algo está para além do que recordamos, para além de fatos ou acontecimentos vivenciados, mas que nos marcam e nos constituem, consolidando nosso modo de ser, agir, sentir no e sobre o mundo.

Almeida e Bittencourt (2018) apresentam uma trajetória que oferece sustentação teórico-metodológica de como a escrita da memória educativa tem se firmado como dispositivo de pesquisa há mais de quinze anos na produção de teses e dissertações na interface Psicanálise e Educação.

Foucault (2004) pontua as características de um dispositivo tentando demarcar como um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas e que ultrapassam o dito e o não dito como elementos que constituem um dispositivo, pois “o dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos” (FOUCAULT, 2004, p. 244).

Assim, ao optarmos por utilizar a escrita da memória educativa como dispositivo de pesquisa, almejamos mais que o registro escrito da biografia do sujeito ou a enumeração de acontecimentos numa cadeia cronológica ou sucessória ao longo de sua história de vida, buscamos a partir de seu enunciado, a possibilidade de identificar a polifonia de imagens, sons, sensações, emoções, ou seja, as marcas que persistem em suas reminiscências, presentes em seu discurso, constituindo assim, a sua verdade. Nessa perspectiva, Bittencourt *et al.* (2021), assinalam que:

a memória educativa, fundamentada na conexão psicanálise e educação, vem sendo utilizada para investigações no campo da educação, no âmbito da Universidade de Brasília. Neste sentido, as produções acadêmicas disponíveis no repositório institucional desta universidade foram consideradas, para fins de ilustração, de como a memória educativa pode se constituir como um dispositivo, capaz de ressignificar a atuação docente. Assim, pretende-se reconhecer os sentidos subjetivos (des)velados no percurso das produções acadêmicas, os saberes e as práticas dos pesquisadores, a partir da experiência de pesquisa com o dispositivo da memória educativa. (BITTENCOURT *et al.*, 2021, p. 08).

O que possivelmente reverbera em suas ações, traços de personalidade ou estilos de ser e de sentir-se no mundo, com o outro e com o simbólico. Sendo assim,

Importante reconhecer que este campo da psicanálise, articulada à educação, é utilizado nos cursos de formação de professores e emerge como um caminho para que, dentre outras possibilidades, os sujeitos possam repensar as vivências, as práticas e as relações sociais experienciadas desde seus primeiros anos de escolarização até sua prática pedagógica atual. (BITTENCOURT *et al.*, 2021, p. 04).

A escrita da memória educativa pode nos revelar desafios e concepções que docentes e educandos trazem desde o início da escolarização sobre a leitura, podendo desvelar seus traumas, aptidões, projeções e anseios. Então, quando propomos ao professor a escrita de sua memória educativa, vislumbramos o resgate desse sujeito de fala, sujeito de enunciação, que ao revisitar suas memórias possa se reestruturar, se conhecer um pouco mais, se implicar em sua trajetória de vida e em sua atuação profissional.

No estudo apresentado, tivemos o aceite de quatro docentes atuantes na modalidade da educação infantil, ou seja, com crianças na idade de quatro a cinco anos. Esse foi um dos critérios utilizados para caracterizar as participantes, pois conforme já destacado, ao trabalharmos com a memória educativa, possivelmente emergem outros temas ou desdobramentos e nossa intenção, à época da dissertação, foi contribuir com pesquisas que incidam sobre esse segmento da Educação Básica. Consoante aos estudos psicanalíticos no campo da educação, percebemos a importância que o Outro possa exercer sobre a constituição subjetiva, e, por extensão, a influência de docentes no modo de ser e agir dos educandos, a partir das primeiras experiências vivenciadas no processo de escolarização.

Na etapa inicial foi solicitado às participantes que escrevessem sua memória educativa (ALMEIDA; RODRIGUES, 1988), destacando os acontecimentos, pessoas, sensações e percepções dos quais se recordassem, referentes ao seu período de aquisição de leitura. Salientamos que se tratava de escrever livremente, sem amarras, sem número pré-determinado de laudas, sem preocupação excessiva com os elementos estruturais da língua (gramática, ortografia, sintaxe), ou seja, utilizando o gênero textual de sua preferência. Disponibilizamos um possível roteiro para ativar a memória e fomentar a escrita, elaborado a partir da espiral da memória educativa construída, conforme já apresentado na figura 1, com adaptações.

Após o recebimento das memórias educativas das participantes, via e-mail, realizamos as entrevistas pelo aplicativo *Google Meet* que foram gravadas e, posteriormente, degravadas, compondo o material das análises ora apresentadas.

RESULTADOS

Utilizamos a análise de conteúdo de Bardin (2016) que oportuniza o emprego de diferentes fontes e dados de pesquisa, combinando estatísticas, análises observações, considerando a descrição, a objetividade e a sistematização, possibilitando também, a inferência e a interpretação. Desta forma, estabelecemos categorias de análise compatíveis ao processo de pesquisa e em consonância com a Psicanálise. Assim, com vistas ao tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação – definição das unidades de sentido/significantes, elegemos três eixos para análises, sendo eles: Constituição Subjetiva, Linguagem e Transferência que emergiram da escrita da memória educativa das participantes da pesquisa sobre as experiências vivenciadas no período de aquisição da

leitura. Utilizamos codinomes para que a identidade de cada participante fosse resguardada, nas falas aqui apresentadas.

No eixo Constituição Subjetiva, encontramos trechos que denotaram como as participantes se percebem, quais características que elegem como suas ou se identificam, como descrevem suas relações com os outros, ou seja, com pessoas próximas, familiares, amigos, colegas de trabalho. Como lidaram com as regras sociais e institucionais, as inibições e adversidades que compõem as suas trajetórias de vida. Bem como os rastros e restos desses acontecimentos que ainda podem comparecer em suas atitudes e nas representações sobre si e sobre o mundo, ou seja, as marcas que vão nos constituindo ao longo da temporalidade de existência. Trazemos o excerto onde a participante atribui a emoção e a sensibilidade como características que foram forjadas pelas experiências vivenciadas e que se consolidam na atualidade:

E aí a gente cresceu muito isolado e eu acho que eu sou uma pessoa que externou por meio da emoção, eu sou extremamente emotiva, eu sou extremamente sensível, eu não sou hipersensível, eu falo que eu sou tri-hipersensível, (risos) eu acho que eu não tenho os mesmos filtros das outras pessoas; assim... a forma como eu percebo, é tudo muito intenso, as frases, as palavras, as situações, os conflitos. (Professora Sara).

No eixo Linguagem nos deparamos com trechos nos quais as participantes discorreram sobre suas primeiras experiências no campo da linguagem, enfocando o período de aquisição da leitura. Importante lembrar que tais experiências não correspondem, necessariamente, à sua alfabetização, embora exista estreita relação entre ambas. No entanto, percebemos que, ao solicitar às participantes que fizessem esse recorte, que focassem seu olhar para esse período específico, de fato, sobressaíram as vivências relacionadas à escola pois, a vislumbramos como instituição encarregada de transmitir, promover o acesso aos conhecimentos culturais, filosóficos e científicos e iniciar a educação escolar. Vejam como a docente caracteriza seu processo de aquisição da leitura e o impacto que a atuação docente exerceu neste processo:

O processo de aquisição de leitura e escrita, foi muito difícil e doloroso, pois além de toda dificuldade vivida em sua casa, não havia afetividade com sua professora. 'A menina' gostava muito de atividades matemáticas e ciências, mas a rigidez das educadoras pouco contribuiu para isso. (Professora Íris).

Ao nos referirmos à linguagem, numa perspectiva psicanalítica, partimos da inserção do sujeito ao simbólico que se instaura desde que a palavra lhe é endereçada, ainda nos primeiros momentos de sua existência e cuidados pela mãe-cuidadora (função materna). Com isso, a incidência de regras, valores e costumes sociais e a submissão ao campo do simbólico, circunda o processo de constituição do sujeito, cindindo-o e o alienando. Mas ainda assim, é possível acolher o desejo do educando, suscitar novos contextos e significações. Já a professora Mariana descreveu uma experiência prazerosa em que a ação criativa docente contribuiu para torná-la, inclusive, mais efetiva, quando lhes auxiliava

a desvelar sua ligação com as práticas cotidianas.

Outros professores tornaram aquela leitura um prato cheio para as dramatizações, debates, reportagens, comparação com nossa realidade e tudo mais que pudessem criar em nós o prazer da leitura e o entendimento de seu significado para nossas vidas. (Professora Mariana).

Percebemos que o discurso sobre as questões metodológicas e a crença que trazem em seu bojo sobre serem a solução para os problemas educacionais, perduram no imaginário e na memória de alguns professores, encontrando eco e sendo reforçado pela maneira como se deu sua escolarização, em especial, o processo de aquisição da leitura para alguns, o que nos remete às ilusões (psico)pedagógicas abordadas por Lajonquière (1999). Encontramos essa ressonância na fala da professora Raquel, quando descreve seu processo e afirma que a mudança na metodologia do ensino da leitura e a falta de materiais, especialmente o livro, contribuíram para que esse processo fosse marcado pelo descompasso na fala da professora e na maneira como a entendia, além do *bullying* que sofria pelas irmãs que já sabiam ler e foram ensinadas por cartilha.

Eu tinha duas irmãs mais velhas que são extremamente inteligentes e quando eu comecei a estudar, foi exatamente no ano em que aboliram as cartilhas e muitas professoras não tinham o conhecimento de outros métodos. E aí eu comecei a ser chamada de burra em casa, porque eu era educada diferente, eu ouvia as minhas irmãs faziam os deveres assim: 'ba-be-bi-bo-bu e eu ficava assim: [b], [g], [k]. E elas "É burra, não sabe falar. (Professora Raquel)

No eixo Transferência buscamos analisar como o processo de aquisição da leitura se efetivou e sua possível repercussão na atuação ou estilo de docência das participantes. Vislumbramos que, ao escrever e revisitar sua memória educativa o sujeito-professor pudesse se identificar e, transcender possíveis bloqueios e sensações de desprazer que ficaram marcados em seu aparelho psíquico.

Quando eu fui trabalhar com as crianças, eu consegui, por conta dessa experiência difícil que eu vivi, eu consigo enxergar o meu aluno, eu consigo ouvir, então eu dou muita atenção pra aquele quietinho, calado, ou que a mãe chega e fala assim "Ah, não professora, esse aí não aprende não, é burro!" Na hora assim, me vem àquilo, como se eu me armasse e falasse assim, eu enxergo ele, eu escuto, ele não é burro. Eu tento, às vezes, convencer aquela criança de que ela não é burra. (Professora Raquel).

A professora Íris em sua narrativa oral, por meio da entrevista, descreveu que as metodologias de ensino podem influenciar na maneira como o sujeito se vê, se caracteriza e se percebe a partir do discurso social do outro.

As crianças não se reconheciam como negras, por exemplo. Quando as crianças iam se desenhar, na hora de pintar elas se pintavam com rosa 'clarinho'. E isso sempre me incomodou muito. (Professora Íris).

Portanto, a partir de todo trabalho de análise à luz da teoria psicanalítica, pudemos perceber uma possível confirmação quanto a influência que professores e/ou cuidadores

exercem na formação dos sujeitos, pois tais evidências se ancoraram nas falas e na escrita da memória educativa das professoras participantes, conforme alguns trechos aqui apresentados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que a utilização da memória educativa como dispositivo para pesquisa possibilitou a enunciação mínima do sujeito inconsciente. Ao escrever seu texto, as participantes, em grande parte, evocaram as cenas da infância evidenciando as marcas simbólicas que as constituíram e ativaram os mecanismos da memória e suas vicissitudes. Pôde-se identificar algo de suas características pessoais e experiências de prazer e desprazer.

O diálogo da Psicanálise com outros autores sobre a memória e sua articulação com o tempo proporcionou a ampliação acerca de algumas de suas características e funcionamento vindo a somar-se ao conceito freudiano de incidência do inconsciente, no qual abalou a racionalidade cartesiana e nos convocou a considerar sobre o que nos escapa ao controle e raciocínio.

Percebemos que o discurso acerca das questões metodológicas e a crença que trazem em seu bojo sobre serem a solução para os problemas educacionais, perduram no imaginário e na memória de alguns professores, encontrando eco e sendo reforçado pela maneira como se deu sua escolarização, em especial, o processo de aquisição da leitura para alguns. No entanto, a ênfase dada na técnica e/ou metodologia como solução para todos os problemas de ensino, deve ser relativizada, questionada. Trata-se muito mais de observarmos o fenômeno educativo sob outro olhar. Um olhar mais atento às especificidades que nos constituem, um olhar sob o prisma psicanalítico, um olhar que atenda às demandas do outro, um olhar mais criativo e singular que fomente a construção de um processo reflexivo em prol da autonomia e autoria na práxis pedagógica.

Destaca-se a posição singular do afeto e da ludicidade na constituição subjetiva e no processo de aquisição da leitura, bem como a criatividade, o estilo de docência, ou seja, a maneira como o educador se dirige ao educando e a forma como desenvolve a aula. Uma das participantes menciona que o que mais lhe despertava atenção eram as dramatizações, os jogos, as brincadeiras e as músicas que sua professora usava para despertar o gosto pela leitura em seus alunos.

Por fim, deixamos registrado nossa experiência na utilização da memória educativa como um dispositivo autêntico e valioso, capaz de possibilitar a captação e interpretação de significados que extrapolam o contexto escolar, mas que estão imbricados nos processos educativos e nas relações que aí se entrelaçam, especialmente na atuação docente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Inês Maria Marques Zanforlin Pires de. **Re-significação do papel da psicologia da educação na formação continuada de professores de ciências e matemática**. 2001. Tese (Doutorado em Educação). Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília - IP/UnB Brasília, 2001.

_____; BAREICHA, Paulo Sérgio de Andrade. Da escrita à inscrição: o lugar do infantil na constituição subjetiva do professor. *In: CONGRES INTERNATIONAL PSYCHANALYSE ET EDUCATION*, 2015, Paris. **Anais** [...]. Paris, 2015.

_____; BITTENCOURT, Cleonice Pereira do Nascimento. The writingofeducational memories as a significantresearch device. *In: ATINER'S CONFERENCE PAPER SERIES*, 2018, Athens. **Anais** [...]. Athens, 2018. No: EDU2018-2496.

BERTICELLI, Ireno Antônio; RAMLOW, Romildo Ricardo. A Educação na complexidade contemporânea. **Revista Contexto & Educação**, Rio Grande do Sul, v. 33, n. 106, p. 72-83, set./dez. 2018.

BITTENCOURT, Cleonice Pereira do Nascimento; ALMEIDA, Inês Maria Marques Zanforlin Pires de; PATO, Claudia Marcia Lyra; SQUARISI, Katilen Machado Vicente. Memória Educativa como dispositivo de pesquisa: tecendo laços na Universidade. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 46, p. 1-24, 2021.

ALMEIDA, Inês Maria Marques Zanforlin Pires de; RODRIGUES, Maria Alexandra Militão. **Imersão no Processo Educativo das Ciências e da Matemática**. Módulo Comum. Programa de aperfeiçoamento de Professores de Ensino Médio (Pró-Ciências), Universidade Aberta do Distrito Federal, Brasília, Brasil, 1998.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Tradução: Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: J. Zahar, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREUD, Sigmund. (1915). O Inconsciente. *In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1985. p. 13-74.

FREUD, Sigmund. (1914). Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II). *In: _____ . Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 189-203.

FREUD, Sigmund. (1901). Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana. *In: _____ . Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 6. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 02-90.

FREUD, Sigmund. (1899). Lembranças encobridoras. *In: _____ . Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 3. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 175-190.

FREUD, Sigmund. ([1893-1899]). O mecanismo psíquico do esquecimento. In:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 3. Rio de Janeiro, RJ: Imago. 1996. p. 168-174.

FREUD, Sigmund. (1925). Uma nota sobre o “bloco mágico”. In:_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 135-139.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

GONÇALVES, Ana Teresa M.; NETO, Ivan Vieira. Uranos, Cronos e Zeus: a mitologia grega e suas distintas percepções do tempo. **Revista Tempo e Eternidade na Idade Média**. jun./dez.2010. Disponível em<file:///C:/Users/frize/Downloads/Dialnet-UranosCronosEZeusAMitologiaGregaESuasDistintasPerc-3713862.pdf> Acessado em jan. 2020.

GUSTSACK, Felipe; LOVATO, Ana Cristina do Amaral. Escrita e emoções no ensino superior segundo uma abordagem complexa. **Revista Contexto & Educação**, Rio Grande do Sul, v. 33, n. 106, p. 56-71, set./dez. 2018.

LACAN, Jacques. ([1972-1973]1985) **O Seminário, livro 20: Mais ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. ([1954]1988). **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud**. In: Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1988. p.496-536.

_____. ([1966-1967]2000). Seminário 14. La lógica do fantasma. **Edição eletrônica das obras completas de J. Lacan**. Disponível em <http://clinicand.com/wp-content/uploads/2020/06/14-Jacques-Lacan-O-Semin%C3%A1rio-Livro-14-A-I%C3%B3gica-do-fantasma-1966-67.pdf> Acessado em dez. 2020.

LAJONQUIERE, Leandro de. **Infância e ilusão (psico)pedagógica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. **De Piaget a Freud: Para uma clínica do aprender**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. **Figuras do infantil: a psicanálise na vida cotidiana com as crianças**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A história como trauma**. In A. Nestrovski & M. Seligmann-Silva (Org.). *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Editora Escuta, 1991.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural**. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 21, n. 71, p. 166-193, jul. 2000. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200008> Acessado em jan. 2021.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Tradução: Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. (Primeira Edição 1944).

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação docente 29, 38

Adversidades 43, 49, 51, 58

C

Crenças religiosas 63, 65, 68, 72, 73, 74, 75

Criança 2, 37, 38, 44, 49, 51, 52, 57, 58, 59, 60

D

Depressão 49, 50, 52, 57, 58, 59, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78

Desenho 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27

Des-subjetivação 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27

Don Juan 10, 14, 15, 16, 17, 18

E

Espiritualidade 63, 75, 77

Eu 2, 7, 8, 11, 13, 14, 15, 19, 20, 22, 24, 25, 43, 44

F

Freud 1, 2, 3, 5, 6, 7, 9, 21, 27, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 46, 47, 67, 76

I

Inconsciente 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 29, 30, 32, 33, 36, 38, 39, 40, 45, 46, 47, 79

Infancia 54

Introjeção 14, 19, 20, 22, 25, 26

J

Jung 1, 2, 3, 4, 9, 21, 22, 24, 25, 27, 28, 67, 77

M

Memória educativa 29, 30, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46

N

Narcisismo 10, 11, 12, 13, 14, 18

P

Pã 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9

Performance 1, 8

Projeção 11, 14, 19, 20, 22, 25, 27

Psicanálise 1, 5, 6, 8, 9, 10, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 38, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 79

Psíquico 12, 32, 33, 35, 44, 47, 66

R

Religiosidade 63, 65, 68, 77

S

Saúde mental 49, 50, 59, 61, 63, 65, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78

Sonhos 1, 7, 27


Subjetivação 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27


T


Teoria do duplo 10, 18


Transtorno 49, 50, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 64, 65

ABORDAGENS PSICOLÓGICAS DO INCONSCIENTE

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



 Atena
Editora

Ano 2021

ABORDAGENS PSICOLÓGICAS DO INCONSCIENTE

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Atena
Editora

Ano 2021